SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO – SÃO PAULO
MESTRADO EM TEOLOGIA

A INFLUÊNCIA DO LAR NA EDUCAÇÃO RELIGIOSA DOS FILHOS

RAFAEL MÁRIO AYUPE BRIZARD

ENGENHEIRO COELHO – SP
1984

RAFAEL MÁRIO AYUPE BRIZARD

A INFLUÊNCIA DO LAR NA EDUCAÇÃO RELIGIOSA DOS FILHOS

Dissertação apresentada em cumprimento parcial
dos requisitos para o programa de
Mestrado em Teologia
Orientador: Renato Stencel

ENGENHEIRO COELHO – SP
1984

FOLHA DE APROVAÇÃO

A INFLUÊNCIA DO LAR NA EDUCAÇÃO RELIGIOSA DOS FILHOS

Dissertação apresentada em cumprimento parcial
dos requisitos para o programa de
Mestrado em Teologia

por

Rafael Mário Ayupe Brizard

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

_____	_____
Renato Stencel, D. Ed.	Roberto Pereyra Suárez, Ph.D.
Professor de Dissertação I	Diretor do Programa de Pós-Graduação

_____
Orientador

_____
Data de Aprovação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 4
1.1 Importância do estudo 4
1.2 Propósito do trabalho 4
1.3 Definição de termos 4
1.4 Limitação do assunto 5
1.5 Metodologia 5
1.6 Necessidade do trabalho 5
2 A EDUCAÇAO RELIGIOSA NO LAR 7
2.1 Definição de educação 7
2.2 A educação religiosa propriamente dita 7
2.3 O ambiente familiar 9
2.4 Quando e como tem início a educação religiosa 10
2.5 Deus amor: um ponto de partida 12
2.6 O conhecimento de Deus na natureza 13
2.7 A formação da consciência 14
2.8 A Bíblia no lar 15
2.8.1 A Palavra de Vida 16
2.8.2 Nem tudo se pode explicar 17
3 ORIENTAÇÃO PARA UM PROGRAMA NO LAR ADVENTISTA 18
3.1 A religião no lar 18
3.2 O lugar que ocupa a religião no lar adventista 19
3.3 Ênfase bíblica 19
3.4 Quando ensinar aos filhos a prática da religião 20
3.5 O culto no lar 23
3.6 Quando realizar o culto da família 24
3.7 Quem deve dirigir o culto no lar 24
3.8 Como realizar o culto da família 25
3.8.1 A preparação 26
3.8.2 A participação 26
3.8.3 A regularidade 27
3.8.4 A oração na hora das refeições 28

3.8.5 A preparação 28
3.8.6 A participação 29
3.8.7 A regularidade 29
3.8.8 Ensinar à criança a devoção pessoal 29
3.8.9 Resolvendo dificuldades 30
3.9 O estudo da Bíblia no lar 31
3.10 Como ensinar a Bíblia aos filhos 31
3.10.1 Com o coração 32
3.10.2 Com um plano de estudo bíblico pessoal 32
3.10.3 Com o exemplo 33
4 O SACERDÓCIO DOS PAIS 35
4.1 Apresentando Deus aos filhos através da Bíblia 36
4.2 Apresentando Deus aos filhos através do culto 37
4.2.1 Cânticos e hinos 37
4.2.2 Invocação 38
4.2.3 Memorização de versos bíblicos 38
4.2.4 Leitura e meditação 38
4.2.5 Os momentos da oração 39
4.3 A estima do lar para com a igreja 43
4.4 A importância da assistência da família à igreja 43
4.5 Os pais devem ir com as crianças à igreja 44
5 CONCLUSÃO 45
REFERÊNCIAS 47

1 INTRODUÇÃO

1.1 Importância do estudo

Existe uma grande preocupação acerca da salvação dos filhos de lares adventistas; pois muito por infelicidade se desviam do caminho da verdade e o pesquisador crê que seja por falta de orientação ou educação religiosa no lar, como também por falta de um bom exemplo dos pais que têm negligenciado o culto da família. As crianças são joias preciosas de grande valor; portando há uma grande importância em pesquisar um assunto como este, acerca da influência do lar na educação religiosa dos filhos.

O lar cristão é formado para ser a imagem do futuro lar do reino de Deus; portanto torna-se necessário analisar os fatores que influenciam de uma maneira direta na preparação da família para o lar celestial. Deve-se procurar observar no lar cristão a sabedoria, a brandura de liderança, o exemplo, a disposição de obedecer, a adoração ao Criador, a unidade da fé e a esperança da salvação em Cristo Jesus.

O lar cristão é aquele em que Jesus Cristo vive. Esta é a grande necessidade dos lares hoje; pois as influências maléficas do mundo em relação ao lar são muitas. Somente o lar que tem a Cristo em termos de experiência diária poderá sobreviver espiritualmente e haverá uma influência positiva na educação religiosa dos filhos, é justamente essa a direção que se pretende tomar nesta investigação.

1.2 Propósito do trabalho

O propósito deste trabalho é analisar os fatores que contribuem para que o lar exerça sua influência na educação religiosa dos filhos e desenvolver um programa de orientação para a prática da religião no lar adventista. Deseja-se pesquisar o que a Bíblia e o Espírito de Profecia dizem a respeito.

1.3 Definição de termos

O pesquisador ao referir-se ao lar, trata do lar cristão, isto é, o lar adventista. Quando cita o Espírito de Profecia, refere-se a livros escritos por Ellen G. White, escritora inspirada da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quando diz altar da família,

quer dizer o culto do lar ou da família, a expressão escola sabatina significa a reunião de membros da igreja adventista realizada aos sábados na parte da manhã.

1.4 Limitação do assunto

São muitos os aspectos que poderiam se levar em conta em relação à educação religiosa dos filhos; porém para realizar-se um estudo mais específico, este tema será limitado apenas em relação ao lar.

1.5 Metodologia

Para execução deste trabalho procurar-se-á a bibliografia que o Index dos Escritos de Ellen G. White contém acerca deste assunto e outros livros sobre a área da educação religiosa. A Bíblia e o Espírito de Profecia servirão de fonte básica e fundamental para este trabalho.

1.6 Necessidade do trabalho

O segredo da boa vida familiar é supreendentemente simples; cultivar o relacionamento da família com Jesus Cristo. Todos os aspectos da vida familiar estão incluídos nesse relacionamento e especialmente no que diz respeito a uma preparação cabal do lar para o reino de Deus.

De que maneira pode a família cultivar o seu relacionamento com Jesus Cristo? Afinal de contas, não seria a mesma coisa que receber um hóspede em casa. Em sua essência, o cultivo do relacionamento da família com Cristo apresenta dois aspectos:

- O primeiro consiste no estabelecimento, no lar, do padrão divino para a família. Isto se refere ao relacionamento entre os membros da família, quanto à ordem, as atividades sociais e autoridade e exemplo dos pais.
- O segundo aspecto é cultivar a presença de Deus. Consiste em procurar tornar o lar sensível à presença invisível de Jesus, criando meios práticos pelos quais podem-se intensificar uma clara consciência de Sua orientação e de Sua vontade para a família.

- Dos dois aspectos, o ultimo é o mais importante. É somente através do cultivo da presença de Jesus que o lar se torna genuinamente cristão e que influência profundamente a educação do padrão divino à família tem uma prioridade prática porque ajuda a criar uma atmosfera favorável nas quais pais e filhos sentem a presença de Jesus. Quando se estabelece o padrão divino no lar, cria-se uma atmosfera no qual Jesus se sente “em casa”. O Espírito Santo pode, então, ensinar e guiar em direção ao tipo de vida familiar para o qual Deus criou o lar. Portanto é necessário um estudo deste assunto que poderá ajudar lares adventistas a estabelecerem o padrão divino para si.

2 A EDUCAÇAO RELIGIOSA NO LAR

2.1 Definição de educação

Não é o acumulo de conhecimentos. A educação ocorre quando o conhecimento muda o individuo em direção ao bem. Algo atinge o íntimo e o muda. Educar é aperfeiçoar. É o que tira a vida da estagnação, movimentando-a para melhor. Educar é, acima de tudo, amar.

A educação não é feita num horário determinado, e sim andando, deitando, levantando, comendo, passeando, e em todos os momentos da vida. Assim como o amor, a educação não tem hora para se manifestar. A melhor definição que já foi escrita acerca da educação é a que se encontra no livro *Educação* de Ellen G. White (WHITE, 1977, p. 13) a qual diz: “É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro”. Ainda a mesma escritora diz: “A primeira e grande lição de toda a educação é conhecer e compreender a vontade de Deus. Durante cada um dos dias da vida, levai convosco o conhecimento de Deus” (WHITE, 1975, p. 414).

2.2 A educação religiosa propriamente dita

Embora a educação religiosa da criança faça parte da educação global, não resta dúvida que ela tem características próprias. Devem destacar-se os três fatores principais: Deus que dá a fé, a criança que a recebe livremente e os pais que deveriam ser os intermediários entre Deus e os filhos. Quantas vezes os pais se sentem donos dos seus filhos! Tratam-nos e consideram-nos como se fosse propriedade deles. E se tiveram encontrado pela fé o sentido da vida, acham que deve ser igual para seus filhos. Obrigam-nos a práticas religiosas que não lhes dizem nada; querem em suma, inculcar-lhes a fé pela força.

Deve-se ter maior respeito pela criança, com que Deus que comunicar-se diretamente. Pode ser que alguém se torne um obstáculo para sua fé, para seu amor por Deus, se colocar entre ela e Deus.

Em verdade, os pais devem ter o maior respeito pela mensagem que transmitem aos seus filhos. A mensagem que transmitem aos seus filhos. A

mensagem é a palavra de Deus, não é propriamente deles! Então, é ou não é necessária a ação dos pais? Na realidade Deus dá à criança a capacidade de crer, mas é preciso transformar esta capacidade em ato de fé, livre e pessoal: aqui está a missão e a responsabilidade dos pais. Devem ajudar aos seus filhos a praticar a fé, para que esta não fique como semente estéril que com o tempo fornece e morre.

Pode acontecer que a religião seja apresentada de modo errada às crianças; porém isto não quer dizer que não deva ser apresentada. O próprio Evangelho confirma-o. Se Jesus quisesse pregar apenas aos adultos teria se afastado das crianças. No entanto, dedicava-lhes particular atenção e falava dos pequeninos.

Além disso, Jesus desaprovava os discípulos, quando pretendiam afastar as crianças para que não O perturbassem: “Deixai vir a mim os meninas, e não os impeçais, porque dos tais é o dos céus” (Lc 18:16). Deixai, diz, manifestando assim o movimento espontâneo da criança que é atraída por Jesus. E ainda disse: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos Céus.” (Mt 18:3). Em geral interpreta-se esta frase exclusivamente no plano moral. Explica-se, que as crianças são inocentes, puras de coração; devem ser imitadas e devemos tornar-nos puros e sem manchas à semelhança delas.

As crianças entendem Deus, recebem-No de coração aberto, e não se diminui a sua liberdade ajudando-as se encontrarem com Ele. A tarefa dos pais é juntamente guiá-los, conduzi-las para a liberdade, A criança tem fome também de Deus, For criada à sua imagem e semelhança e é, portanto, naturalmente levada a entrar em relação com Ele. Eis porque, desde, sua mais tenra idade, é deve dos pais transmitir-lhes, antes com a vida e depois com as palavras a educação religiosa, fazendo-as da melhor maneira possível conhecer a Deus.

É natural que os pais transmitam aos seus filhos sua humanidade, em toda integridade. Se para os pais a maior riqueza é o sentido da vida entendida como relação com Deus, é logico que esta riqueza seja transmitida aos filhos, mesmo sem palavras, mesmo sem palavras, já que se trata de uma realidade.

> Seja qual for a atitude que tomarmos com relação à religião, estaremos dando a nossos filhos uma orientação, uma indicação. Se vivermos como cristãos, isto influirá sem dúvida, em sua vida; se não vivermos, os influenciaremos da mesma maneira em sentido contrário, naturalmente (ZAZUCHI, 1975, p. 22).

Muitos pais, na verdade, podem afirmar com segurança o quanto foi proveitoso, para as definições posteriores dos seus filhos, o fato de tê-los feito viver o que descobriram na religião. Procurando transformar em vivência a mensagem evangélica, experimentaram pessoalmente aquilo que em linguagem teológica se denomina os frutos do Espírito: a alegria, a paz, a serenidade, o sentimento de plenitude espiritual. Esta experiência positiva confirmou logicamente a verdade da religião que iam conhecendo.

Não há nada melhor para educar religiosamente os filhos do que o testemunho pessoal dos pais. Na realidade, quantos pais gostam de se dizer cristão, e se instalam, estagnados numa fé estática, quando é necessário ter uma fé dinâmica, em contínua busca, num movimento contínuo de crescimento no amor. Só assim a educação cristã aparece como fruto espontâneo, nascido da vida e cheio de vida, onde não há quem apenas dê ou quem apenas receba, mas um movimento de intercâmbio crescente, de educação mútua.

> Preciso reconhecer que não fui eu quem ajudou os meus filhos na vida religiosa, mas foram eles que me ajudaram, disse com admirável senso de humildade uma mãe. Para prepará-los a uma vida na qual a religião não fosse uma abstração, tive que fazer por eles o que ninguém fizera por mim. Não só buscar uma coerência devida com minha fé, mas também estudar, conhecer, aprofundar os seus fundamentos. Quis conhece melhor, por exemplo, o significado e o valor das reuniões de culto na igreja, descobri a beleza e a profundidade da Escritura, particularmente a grandiosidade e a poesia dos Salmos. Quanto mais conseguia transferir aos meus filhos o interesse e o amor por eles (ZAZUCCHI, 1975, p. 24).

2.3 O ambiente familiar

Conhecendo as dificuldades do contexto em que se vive hoje, é possivel concluir que nos primeiros anos de vida, vivendo a criança em contato quase exclusivo com a família, é importantíssimo para sua formação religiosa o clima do ambiente familiar onde se encontra. “O ambiente familiar que nos cerca tem uma enorme influência sobre a criança em desenvolvimento” (CHRISTENSON, 1975a, p. 172). Eis o depoimento de um casal:

> Quando nos casamos, pensamos em ajudar nossos filhos a se realizarem como homens, como cristão. Olhando, porém, o mundo, nos sentíamos desanimados. Na sociedade que nos rodeia o que era valorizado era o aposto da mensagem evangélica: ódio, indiferença, apego à riqueza, erotismo... Foi aí que compreendemos a importância da família. Na realidade, as crianças, sobretudo nos primeiros anos, vivem as vinte e quatro horas do dia em contato com os pais no ambiente familiar. Todos os valores humanos e religiosos que gostaríamos que o mundo apresentasse a nossos filhos poderiam, de algum modo, ser apresentados por nós. Mais do que nossas virtudes pessoais, muito imitadas, na verdade, poderíamos dar-lhes nosso amor mútuo. Isto criaria em casa um ambiente pleno de amor. Poderíamos criar mesmo, um clima sagrado de religiosidade, não verbal ou de atos forjados, mas vividos (ZAZUCCHI, 1975, p. 25-6).

O mais eficiente de todos os exemplos paternos é o da dedicação mútua. Não há criança tão sadia, tão feliz e tão segura de seu desenvolvimento integral como o filho de pais que se realizaram afetivamente no casamento. David Goodman (GOODMAN, 1967, p. 15) declara que:

> No lar onde se verificam crônicos conflitos conjugais, as crianças estão sujeitas a toda sorte de desordem de caráter e de personalidade, muito embora seus pais possam desejar educá-las corretamente. O mundo infantil carece de equilíbrio quando seus pais se acham em conflito.

Em seu notável livro *You and Psychiatry*, Dr. William Meninger (GOODMAN, 1967, p. 90) apresenta este surpreendente princípio: “Uma pessoa bem ajustada é aquela que aprendeu que é mais abençoado dar do que receber”. O ponto de vista idealista e espiritual que alguns pais deixam de imprimir em seus filhos com medo de ser demasiadamente teóricos para o mundo atual é realmente o caminho da conquista. O ideal é energia, ele leva o indivíduo ao seu mais alto potencial.

Os pais não devem ter medo de dar ideia a seus filhos. Não devem fugir ao seu dever moral para com eles. Devem ajudá-los a conservar sua crença religiosa e padrões morais por meio da sua própria adesão à verdade espiritual.

2.4 Quando e como tem início a educação religiosa

A educação religiosa faz parte do grande quadro da educação em geral. Os psicólogos e pedagogos afirma que a educação começa bem cedo, mesmo no

período da gestação. Pelo que parece, pode-se dizer a mesma coisa com relação ao problema religioso.

Atualmente se sabe que o laço entre a mãe e o filho que traz no seio não é puramente de ondem física, mas também afetivo, espiritual. A mãe não transmite ao filho apenas o sangue, mas ainda e, sobretudo o amor, a paz e a serenidade. Quem é mãe sabe que ao perceber a gravidez, desde que a deseje ou aceite, sente um desejo de ser melhor, mais paciente, mais serena por causa da criança, pois percebe que de certa forma tudo se reflete nela.

A respeito disso, é lógico que muitas mães objetem: Sim, é verdade, mas nós somos imperfeitos; que devemos fazer? Além disso, alguém poderia lembrar: Como se pode evitar os traumas físicos, morais e espirituais que independem de nossa vontade? Dá-se muito pouco valor à influência que pode ter sobre os filhos, a vida de uma mãe que procura viver na amizade com Deus. No entanto, a desordem moral, o ódio, a malícia, trazem consequências danosas para a criança. Quão grandes são os efeitos positivos de correntes da presença de Deus na vida da mãe!

Quando a criança nascer, durante muitos meses a educação religiosa se fará sem sua participação consciente. É importantíssimo nesse período o modo como a criança conhece os pais. Este conhecimento deixará uma marca indelével sobre a posterior imagem de Deus ela trará. Para ela, de certa forma os pais são os primeiro “deuses, se parecem um pouco com Deus. Ele, de fato, com o amor que os une e com o amor para com o filho, manifestam o amor, que é Deus. Seu amor não passa de um raio, um reflexo, uma participação de amor de Deus. Inconsciente mas profundamente, o filho conhece o amor. Diversos psicólogos cristão afirmam que se a criança não usufruir do amor dos pais e das inúmeras manifestações do mesmo, é muito fácil que a ideia de Deus que terão quando adultos seja inadequada ou deformada.

A bondade de Deus e sua presença amorosa contínua se manifesta à criança por meio da bondade e da presença da mãe; a segurança e a forma através do pai. Deus, no entanto, não é o pai e ao mãe em tamanho maios. Como fará a criança para atingir essa realidade do ser superior?

Não há necessidade de preocupar-se demais com isso. Basta se viver com simplicidade, sem ostentação e sem pudores descabidos a vida cristã. Um casal contou sua experiência:

> Orávamos sempre juntos, na medida das nossas possibilidades. Era espontâneo: antes de nos deitarmos, nos ajoelhávamos durantes alguns minutos para agradecer a Deus pelos benefícios do dia, e para nos unirmos a Ele através da oração. Nossa primeira filha já estava sempre dormindo tranquila e não percebia nada. Com um ano, mais ou menos, certa noite, não sei por que razão, enquanto orávamos, ela se despertou. Lembrou-me que levantando-se do berço nos olhou através dos filó que a protegia. Isto se repetiu outras vezes nas semanas seguintes. Provavelmente ficava um pouco espantada em ver que falávamos, mas não entre nós, pois não nos olhávamos. Além do mais, esta mesma maneira de falar, com a mesma tranquilidade e atenção, ela o percebia de sua cadeira, toda vez que orávamos antes das refeições. Quando pôde compreender eu lhe disse com palavras bem singelas; nós falamos com Deus. Devo ter explicado isto diversas vezes seguidas (ZAZUCCHI, 1975, p. 30-1).

Com efeito, a criança pequena não necessita de explicações, mas de afirmações simples e essenciais, Naturalmente isto é apenas um exemplo. Não é preciso falar muito cedo de Deus às crianças. O importante é que o comportamento religioso dos pais seja simples, espontâneo e autêntico. A vida fala por si, e a criança entenderá sozinha qual a pessoa com que os pais conversaram. Afinal. Não é necessário ensinar nada de novo à criança, mas sim manifestar-lhe a imagem de Deus que trazem em si.

2.5 Deus amor: um ponto de partida

Umas das primeiras coisas que os pais devem falar sobre Deus aos seus filhos, e que parece ter sido aceita por eles, é: Deus gosta de nós, Deus gosta de você, do papai, da mamãe, de todos. A criança acredita no pai, sabe que sempre lhe disse a verdade, e sabe também o que significa gostar de alguém. Muitas vezes quando o pai lhe diz om naturalidade: o papai gosta de você, ela sorri satisfeita, porque entende. Se lhe perguntam, você gosta do papai? Ela abre os braços como dizendo: Muito!

A criança deste modo começará a entender que esta pessoa a quem os pais se dirigem é boa, amorosa como o papai e a mamãe; que ajuda e protege a eles e a todos os que conhece.

Claro que os filhos querem autenticidade, percebe-se isso nas contestações juvenis, e todo dia no convívio com eles. Rejeitam qualquer formalismo, e com a forma, infelizmente muitas vezes também o conteúdo. Talvez nunca tenham

conhecido a essência, isto é, não experimentaram. Deve dar-se-lhes sempre a essência da religião, desde os primeiros anos, e, sobretudo nestes primeiros anos. A ideia central presente na educação religiosa dada pelos pais é que Deus é Amor.

Naturalmente, a criança desde a mais tenra idade deveria sentir-se envolvida neste amor. Como consequência lógica, ajudada pelos pais, logo entenderá que este amor pede amor como resposta. Começará a amar, a ser ativa no amor. Para a criança o amor a Deus não será um amor sentimental feito com palavras, mas se tornará logo concreto, real. Amar a Deus desde os primeiros anos, será para ela amar alguém que lhe está bem próximo.

2.6 O conhecimento de Deus na natureza

É importante notar que o contato das crianças com a natureza fará com que elas conheçam Deus como Criador e Mantenedor. É preciso levar em contar que a criança tem sede de experiências vividas. Ela é sensibilizada principalmente pelo que atinge os sentidos. Por isso é muito importante ajudá-la a observar, a ouvir, a ver o que não enxerga à primeira vista. Deve-se despertar nela a admiração e o enlevo. O que lhe causa admiração ficará gravado.

O período de infância deve ser aproveitado para infundir o amor à natureza como ela é, sem fazer sermão; porque a natureza ala por si mesma à criança. Sem dúvida é preciso ter um pouco de imaginação para despertar na criança como já foi observado, a admiração. Levá-la a ver o sol que nasce, ou o mar num dia de vento, ou mais simplesmente ajudá-la a descobrir as maravilhas do mundo infinitésimo que não pode ser observado a olho nu, ou tão grande que não pode ser abrangido pelo olhar. Ellen G. White (1962b, p. 494), no seu livro *O Lar Adventista*, diz:

> Aqueles para quem o bem estar mental é físico é de maior importância do que o dinheiro ou as exigências e costumes da sociedade, devem procurar para seus filhos o benefício de ensino da natureza e a recreação no ambiente da mesma.

Em geral quando se mostra a natureza às crianças, cria-se como por encanto uma atmosfera de silêncio e de recolhimento. A descoberta da beleza e da harmonia da força da natureza ajuda-as a se colocarem em contato com Deus que deixou algo de si mesmo nas coisas criadas.

Depois, à medida que crescem, aproveitando-se das pequenas coisas de cada dia, um gerânio que desponta, a sucessão das estações, a água do córrego, etc. Onde coisas não rotineiras, como uma passeio ao mar, aos campos etc. É possível, faz com que percebam o amor que foi semeado na natureza. A mesma escritora já citada declara:

> Dessa maneira devemos ensinar. Que aprendam as crianças a ver em a natureza uma expressão de amor e da sabedoria de Deus, que o pensamento a respeito dEle se entrelace com os pássaros, flores e árvores; que todas as coisas visíveis se tornem os intérpretes do invisível, e todos os acontecimentos da vida sejam os meios para o ensino de Divino (WHITE, 1962b, p. 145).

2.7 A formação da consciência

Se os pais querem educar os filhos e acostumá-los a se manterem de pé por si mesmos, conseguindo distinguir o bem do mal. O que Deus quer e o que não quer, e escolher livremente o caminho a ser seguido, é necessário que sejam ajudados a formar a própria consciência. Quando, com efeito, o que aprenderam deve ser trazido em atos, em comportamento, o caminho obrigatório é esse. Uma consciência sensível e timorata faz com que sejam responsáveis perante a vida.

Para levar as crianças a formarem uma consciência sempre mais delicada e sensível, há uma prática muito útil, capaz igualmente de tornar mais íntimo e profundo o relacionamento com os filhos: O exame de consciência feito em conjunto. Não de forma rígida é lógico, mas com simplicidade. Deve ser antes de cada um ir deitar, uma revisão conjunta com um diálogo confidencial e descontraído, do dia que passou. A criança sentirá com isso muita alegria e, por vezes, um grande alívio. Pode se abrir e quiçá até confessar, confiante no amor, na compreensão, na misericórdia dos pais e de Deus. Servirá para libertá-la de muitos impasses, não se estagnando em sua alma nada que a faça sofrer.

A formação da consciência, naturalmente, tem como principal objetivo fazer com que se evite o mal, o erro, aquilo que se chama de pecado. Uma experiência que pode ajudar a compreender o porquê da necessidade de formar uma consciência nos filhos foi contada por uma senhora, ela disse:

> Uma noite meu filho jantou em meio a tanta agitação e impertinência que acabou irritando o pai e também a mim. Levei-o para a cama antes da hora para que sentisse não estar agindo direito. Estava amuado e não dizia nada. De repente, quase chorando, confessou: “Estou errado, muito mesmo, agi mal” e não conseguiu se acalmar. Então lhe sugeri: É verdade, mas Jesus perdoa tudo por um ato de amor. Se você procurar logo amar a Jesus, sem pensar no que aconteceu, e se vestir direitinho, o que aconteceu durante o jantar vai ficar esquecido. No entanto se ficar pensando no que fez de errado, pode impedir que você faça bem aquilo que está fazendo agora. A esta altura, contente com a solução trocou a roupa sozinho, colocou-se na cama e exclamou: “Mãezinha, estou tão contente!”. Agora o garoto não consegue mais, quando faz alguma coisa de errado, guardar aquilo pra si. Vem contar-me logo tudo porque sentiu a alegria de confiar seus pequenos erros ao amor de Jesus e também ao meu. Em especial, antes de deitar-se, tem o costume de me contar suas falhas, se não consegue ficar tranqüilo (ZAZUCCHI, 1975, p. 88-9).

Diante disso, conclui-se que esta espécie de exame de consciência começando com simplicidade e espontaneidade, não só mantém sua alma serena, como serve para ajudar a criança a ter uma consciência mais delicada e sensível.

2.8 A Bíblia no lar

Se quer-se educar e instruir religiosamente os filhos, e se a religião que se quer apresentar-lhes for o cristianismo, o mais importante é colocá-los em contato com Deus, com Jesus Cristo, por meio das Suas Sagradas Escrituras. O próprio Deus, por meio de Sua Palavra, lhes dará o princípio básico da fé. A Bíblia, assim, mesmo se for lida diariamente, será o livre de cabeceira por excelência.

Os pais devem procurar por todos os modos o jeito de não impo à criança uma personalidade pré-fabricada, mas desenvolver sua personalidade humana e espiritual. Para isto, é muito importante levar a criança a gostar da Bíblia, do evangelho. Deve-se desde cedo começar a ler para ela, cotidianamente, uma parte de uma Bíblia ilustrada para crianças ou trechos do evangelho, transcritos numa linguagem que lhe é compreensível. Estas leituras lhes serão muito agradáveis, entusiasmar-se-á pelas histórias bíblicas como a passagem dos hebreus através do Mar Vermelho, ficará encantada com o relato do milagre de Caná da Galileia, na transformação da água em vinho.

Deve-se ter muito cuidado para não tornar enfadonha para as crianças a questão de religião, deve haver equilíbrio. Mais do que a quantidade, o importante é como se dá a instrução religiosa. Não se deve falar de modo frio e impessoal, deve-se identificar com aquilo que se lê ou conta para a criança, procurando-se aprofundar no significado da mensagem das Escrituras. Contar fatos do Antigo Testamento não é fácil. Há o perigo de transformar as Sagradas Escrituras num livro de novelas, e dar às crianças mais aventura, ou passatempo, de que o conteúdo religioso. Nas narrações é bom procurar sempre colocar em relevo, por meio do fato particular, a mensagem de Deus, de modo que a leitura se torne para a criança um contato com o Divino, com aquilo que Deus quer dizer ainda hoje aos homens do século vinte, por meio do fato ocorrido milhares de anos atrás. É bom ter o maior cuidado para distinguir claramente, nos episódios que se leem, o sobrenatural. Por exemplo, ao falar dos milagres realizados por Jesus, procurar sublinhar principalmente seu amor, para que não se confunda com alguns dos heróis das estórias de fadas. As crianças passam a gostar mais da Bíblia e da sua leitura porque os seus relatos são verdadeiros, trata-se de fatos realmente acontecidos.

2.8.1 A Palavra de Vida

Ao levarem os pais a seus filhos o conhecimento das Sagradas Escrituras, devem procurar ajudá-los a traduzirem em atos aquilo que aprendem. É o conhecimento das palavras de vida eterna. Pedro disse a Jesus “Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6:68). E Jesus referindo-Se a Si mesmo, fala muito claro: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14:6).

Em famílias numerosas, o costume de ler o evangelho pode ter consequências consideráveis; além de formar uma mentalidade nova, evangélica, aumenta a profundidade do relacionamento familiar. De noite, quando as crianças são ainda pequenas, podem reunir-se com os pais antes de deitar e contar algum fato do dia onde tenham procurado viver a palavra. Elas gostam disso e contam também suas pequenas experiências. Ficam entusiasmadas porque se sentem no mesmo plano dos seus pais num relacionamento fraterno. É surpreendente ver com facilidade as leis evangélicas, e sabem aplicá-las rapidamente nos fatos do dia-a-dia.

2.8.2 Nem tudo se pode explicar

É lógico que as crianças de três ou quatro anos não podem entender teologia. É a idade da descoberta de muitas realidades, mas não da concatenação dos fatos, das sínteses, e assim por diante. Não adianta então, procurar dar-lhes resumos de teologia mesmo os mais simples, porque isto exigiria da parte das crianças uma visão de conjunto que não podem ter ainda. Por exemplo, falar da Trindade para crianças pequenas se corre o risco de dar a impressão de que existam três deuses. Não se deve nem mesmo pretender dar explicações de tudo. Na verdade, Deus é um mistério, e é bom que as crianças também percebam. Se um garoto de cinco anos disser: Quanto penso que Deus é infinito não sei, eu não entendo, e espero uma resposta, o que resta é dizer-lhe: Você vai entender alguma coisa quando crescer e, sobretudo, procurando amar, mas Deus nunca pode ser entendido completamente. David Goodman (1967, p. 95) declara: “Você poderia explicar a seus filhos que moralidade significa seguir a lei de Deus como está exposta na Bíblia. Essa resposta pode ser satisfazer aqueles que receberam uma sincera educação religiosa”.

Portanto, a preocupação dos pais em relação à orientação religiosa para seus filhos, não deve ser no sentido de explicar os mistérios das Escrituras Sagradas; porém fazer com que eles sintam e reconheçam a existência de um Deus amorável e misericordioso que os ama e deseja salvá-los para Seu santo reino. Todo pai deve sentir uma responsabilidade peculiar no cultivo da compreensão espiritual de seus filhos, e ensinar-lhes que a vida é governada por princípios, e que é só aquele que vivem por princípios podem viver verdadeiramente felizes.

3 ORIENTAÇÃO PARA UM PROGRAMA NO LAR ADVENTISTA

3.1 A religião no lar

A religião é a vida e o lar religioso é aquele que busca em primeiro lugar a Cristo como guia supremo para todas as atividades no convívio familiar. As crianças devem sentir a necessidade da religião desde sua tenra idade pois isto faz parte do desenvolvimento do caráter e o preparo para o lar celestial. Nas Sagradas Escrituras encontram-se algumas experiências de crianças que tiveram a influência benéfica do estudo da palavra de Deus em seus lares.

Timóteo teve um lar cuja influência religiosa foi de grande alcance em sua vida. Desde pequeno haviam-lhe sido ensinadas as Escrituras, e a este fato se refere o apóstolo São Paulo na sua epístola ao seu jovem discípulo: “E que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus”.

A fé da mãe de Timóteo e de sua avó na palavra de Deus, desde cedo fora nele implantada mediante fiel instrução. Como disse Paulo: “Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de quem também habita em ti” (2Tm 1:15).

O testemunho presenciado por ele no lar cristão exerceu modeladora influência em sua vida. Isto com o conhecimento que possuía das Escrituras, habilitou-o a mais tarde assumir responsabilidade e a prestar serviço fiel na causa de Cristo. Ellen G. White escrevendo sobre o estudo das verdades bíblicas no lar diz:

> Na educação de vossos filhos, não ponhais de lado as grandes verdades da Bíblia, na suposição de que a Escolha Sabatina e os ministros farão a obra por vós negligenciada. A Bíblia não é intocavelmente sagrada e sublime que não possa ser aberta diariamente e estudada diligentemente. As verdades da palavra de Deus devem ser relacionadas com as coisas da vida supostamente consideradas pequenas. Elas animas a vida comum, fornecendo motivos para obediência e princípios para a formação de um caráter reto (WHITE, 1962a, p. 189).

3.2 O lugar que ocupa a religião no lar adventista

Não só é importante saber que a religião tem um lugar no lar adventista, mas também é importante saber que lugar deve ocupar a religião no lar.

3.3 Ênfase bíblica

Segundo a revelação que Deus deixou a ênfase maior está no lugar que Deus deve ocupar. “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20:3). O que é verdade para o indivíduo em relação com Deus, é também verdade na relação do lar com Deus; portando Deus, ou a religião, deve ocupar o primeiro lugar no lar adventista. Não se deve permitis que outros interesses tomem a direção do lar afastando-se dos interesses espirituais. Jesus afirma no evangelho de Lucas: “Assim pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:33).

Quão vital é que o lar adventista considera adequadamente declarações como esta, e decida de uma vez para sempre o lugar próprio que a religião tem de ocupar dentro dos seus limites. O Espírito de Profecia, falando sobre a responsabilidade pelos interesses eternos diz:

> Nunca necessitemos tanto de mais íntima comunhão como Deus do que hoje, Um dos maiores perigos que ascendiam o povo de Deus, tem sido a conformação com as máximas e costumes mundanos. Especialmente os jovens estão em constante perigo. Devem os pais e mães estar de guarda contra os enganos de Satanás. Enquanto ele procura conseguir ruína dos nossos filhos. Não demorem os pensamentos e os cuidados nas coisas deste mundo, enquanto são negligenciados os interesses mais elevados e eternos dos filhos (WHITE, 1962a, p. 471).

Uma vez que a religião de Jesus está estabelecida no coração dos dirigentes do lar, todos os demais assuntos a resolver-se terão outro ponto de vista. Poderá ser que o lar se ache frente a frente com temores, solidão, dificuldades, enfermidades, complexidades de obrigações ou decisões difíceis; porém nunca está obrigado a fazer frente a nenhuma destas coisas só. Ao coração vem o consolo e a sabedoria de um Deus vivente, A oração de fé lança mão de toda situação, e uma senda correta se abre; porém o caminho não está livre de dores. A grande esperança é a religião no lar. A respeito disto Ellen G. White escreveu:

> Os pais estão dormindo. Seus filhos caminham para a destruição diante dos seus olhos, e o Senhor deseja que seus mensageiros apresentem diante do povo, por preceito e exemplo, a necessidade da religião no lar. Instai sobre este assunto com vossas congregações. Inculcai na consciência a convicção desse solene dever há tanto tempo negligenciado. Isto desfará o espírito de farisaísmo e resistência à verdade, como coisa alguma pode fazer. A religião no lar é a nossa grande esperança, e torna brilhante a perspectiva da conversão de toda a família para a verdade de Deus (WHITE, 1962a, p. 475).

3.4 Quando ensinar aos filhos a prática da religião

"Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele" (Pv 22:6). Quando é que se deve começar a educação espiritual da criança? O apóstolo Paulo, escrevendo na sua segunda carta a Timóteo a respeito da fé desse Jesus diz: "Pela recordação que guardo da tua fé sem fingimento, a mesma que primeiramente habitou em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice" (2Tm 1:5). Esta passagem sem dúvida fala que Timóteo era um cristão de terceira geração. Tanto a sua mãe como a sua avó haviam dado um testemunho vital de Cristo. Timóteo seguiu o exemplo delas. Mas em que idade começou a sua educação na fé? Isto é declarado no capítulo três. "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste, de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que desde a infância saber as sagradas letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2Tm 3:14-5). A mãe é a pessoa chave neste processo. Ela pega a criança e embala, portanto é nessa idade bem tenra que todo processo de educação espiritual deve ter inicio. O pensamento da criança deve ser moldado desde o princípio. Precisa-se usar palavras corretas e declarar as verdades certas, mesmo antes que os pequeninos possam entendê-las. Eles aprendem ouvindo as coisas vezes sem conta. O fato é ter a certeza de que as crianças vão ouvir as coisas certas e desta forma aprenderão a repetir de uma maneira correta.

É verdade que dificilmente pode-se esperar que uma criança pequena fique assentada quieta o tempo todo mas pode-se usar ilustrações, figuras coloridas que possam chamar a atenção dela e se interessar pelo assunto.

Também precisa haver uma hora quando o pai ou a mãe leia as histórias bíblicas para a criança. Isto deve ser feito tão simples e claramente quanto possível. Sobre isto Ellen G. White escreveu:

> Tão logo sejam os pequenos capazes de compreender, devem os pais contar-lhes a história de Jesus, a fim de que bebam as preciosas verdade concernentes ao infante de Belém. Imprimi na mente das crianças sentimento singelo adaptado aos seus anos e possibilidades. Levai vossos filhos em oração a Jesus, pois tem-lhes tornado possível o aprendizado da religião, ao aprenderem os rudimentos da linguagem falada (WHITE, 1962b, p. 320-1).

Fica-se surpreso com o tanto que os pequeninos entendem. A princípio pode ser que eles não compreendam grande parte, mas se se contar e recontar essas histórias bíblicas às suas mentes, jovens serão moldadas segundo o padrão bíblico de pensamento. Portanto, precisa-se começar a educar as crianças antes que elas comecem a brincas com os vizinhos. A época boa para começar é antes até de a criança aprender a andar.

Deve haver também uma oportunidade para decorar versículos bíblicos. Isto pode ser feito tão logo a criança comece a falar. Nesse estágio os versículos devem ser curtos, talvez apenas duas ou três palavras de cada vez. Mas é necessário persistir em ensiná-las à criança. Theodoro E. Epp (1977, p. 49) conta a experiência de seu lar aceca da orientação cristã:

> Minha esposa costumava às vezes ficar com nossos filhos durante cerca de meia hora, à noitinha, repassando o versículo bíblico com eles, antes que fossem envolvidos pela noite. Eu ainda me lembro que quando eles decoraram o seu primeiro versículo bíblico, vieram repeti-lo para mim e ficaram radiantes por tê-lo conseguido.

Há também lugar para hinos e corinhos na educação das crianças. Isto é algo que deve ser feito por elas antes que ouçam os ruídos da música mundana que vem pelo rádio ou televisão. Elas aprenderão a reconhecer as melodias dos hinos e corinhos. Algumas serão capazes de cantarolar a melodia mesmo antes de aprender a falar.

No que concerne ao conhecimento concreto, as crianças não sabem nada quando vêm ao mundo. Quando alcançam os três anos de idade, já aprenderam muita coisa, Certos fatos são impressos na mente nessa época. Certas atitudes se

gravam em seus corações. Burton White (1975, p. 11) afirma: “As experiências dos primeiros anos são mais importantes do que nós tínhamos pensado. Em sua simples atividade diária, infantis formam o fundamento de todo desenvolvimento posterior”.

A seguir deseja-se narrar a experiência que aconteceu no lar de uma família cristão parente do autor deste trabalho. O casal de pais dessa família adotaram uma minazinha recém nascida, a qual foi tratada com muito mimo e muito carinho. Logo que começou a entender as coisas, ela estava na sala com seus pais assistindo televisão, vendo as dançarinas dançando e ouvindo música mundana. Assim ela começou a dançar quando já tinha seus dois anos de idade. Com isto quando os pais a levavam a igreja, ela se sentia mal, e começava a chorar quando o piano tocava e a congregação cantava hinos. Haviam-se gravado em seu coraçãozinho e em sua mente músicas diferentes, mundanas, das quais ela gostava, passando a rejeitar a música sacra.

Deve-se levar em conta que impressões têm os pais crentes, adventistas, implantando na alma e na vida de seus filhos nos primeiros anos de vida. É claro que a mãe é responsável por grande parte dessa tarefa. Contudo, o pai tem grande parte de responsabilidade, também. Deve-se começar cedo a impressioná-las com o fato que elas fazem parte da família. Os pais devem ser práticos em sua educação, não devem se satisfazer em meramente falar de Jesus e da Bíblia, mas aplique-se a vida de Jesus a elas, e mostra-se-lhes como a palavra de Deus é aplicável todos os dias. Elas virão a entender que Cristo é não somente um exemplo, mas é a própria vida delas e vive nelas. Jesus é supremo em tudo. “O sentido da presença de Deus no lar nos incentiva a viver uma vida semelhante à dEle. Desentendimentos, infidelidade conjugal, desarmonia entre pais e filhos não existe onde Jesus está presente” (STREITHORST, 1980a, p. 14).

O caminho de menor resistência é o de deixar as crianças fazerem o que bem entendem. Não é necessário ensiná-las a fazer coisas erradas. A natureza que se herda é como a lei da gravidade. Atrai constantemente para baixo, para níveis morais e espirituais mais baixos. Não há nada que possa se fazer do ser humano por si mesmo. Precisa-se de ajuda divina para vencer essa atração. Se é para vencer a lei da gravidade, precisa-se de força para fazê-lo. O mesmo acontece no nível espiritual. Tudo o que precisa se fazer para que as ações sejam más, é não fazer nada. Se se deseja que os filhos sigam o caminho largo que leva à destruição, não se precisa fazer nada a esse respeito. Esse é o caminho que ele seguirão

naturalmente. Mas se se quer que os filhos sejam educado para o Senhor, então precisa-se assumir uma parte definida nesta educação e precisa-se começar cedo.

A senhora Streithorst (1980a, p. 14) afirma: “Se aceitas a maternidade como um sacerdócio, teu lar será um templo e os filhos os fiéis”. A Bíblia está cheia de ilustrações a respeito deste assunto. Moisés foi destinado a passar muitos anos na corte do Faraó no Egito. Mas Moisés foi tão bem educado nos primeiros anos, os anos formadores do seu caráter, que finalmente ele tomou a decisão de sofrer om o povo de Deus em vez de gozar os prazeres transitórios do pecado.

Samuel é outro exemplo de um piedoso homem de Deus que foi guiado desde cedo nas coisas do Senhor. Os seus pais o levaram bem cedinho para servir na casa de Deus. Os pais adventistas devem procurar moldar as suas crianças à maneira que elas devem viver. Então quando elas forem velhas, não se apartarão do caminho do Senhor, traçado para elas. Esta é uma grande responsabilidade dos pais. “Terrível coisa é trazer crianças a um mundo de pecado, a menos que se faça todo esforço possível para salvá-las” (STREITHORST, 1983, p. 11).

3.5 O culto no lar

O culto no lar é tão antigo como a história do lar mesmo. Da história bíblica, para não dizer nada de um estudo mais amplo das religiões, pode-se ver a fascinante continuidade dos cultos do lar passar de geração a geração. Noé saiu da arca e erigiu em seguida o altar da família para sacrifícios e ações de graças. A história de Abrão e das viagens da sua família está repleta da frase muitas vezes repetida: “E edificou ali um altar à Jeová”.

O culto familiar hoje ode revestir-se do mesmo encanto e gozo, como sucedia no lar de Adão e Eva, Noé, Abrão e outros. Quando os pais são diligente dando sua instrução aos filhos, procurarão realizar o culto da família, para que estes aprendam a apreciar e sentir deleite na comunhão com o Senhor. “Religião em família consiste em criar os filhos na doutrina e no caminho do Senhor” (WHITE, 10962b, p. 317).

Cada membro da família deve ser alimentado pelas lições de Cristo, e o interesse de cada alma deve ser estritamente guardado, a fim de que Satanás não a engane e afaste com seduções para longe de Cristo.

> Quando os pais são diligentemente vigilantes em sua instrução e educam os filhos tendo em vista a glória de Deus, cooperam com Deus, e Deus coopera com eles na salvação das almas das crianças por quem Cristo morreu (WHITE, 1975, p. 141).

3.6 Quando realizar o culto da família

Sem dúvida há inúmeras variações quanto ao tempo, o lugar e a maneira de proceder ao se dirigir o culto familiar, Cada lar tem suas próprias oportunidades e dificuldades peculiares. Talvez tivesse que variar de dia em dia segundo se ajusta ao programa da família; porém tal hora poderá ser uma ocasião diária bem entendida e esperada na vida de toda família. Momentos antes do desjejum, depois do desjejum, depois do jantar e à hora de deitar-se têm sido as horas favoritas através dos anos. Deve-se escolher uma hora quando a família não esteja com grande pressa ou nervosa. Por esse motivo muitos preferem o tempo antes do desjejum, depois do qual os membros poderão retirar-se à vontade. Há lares em que se realizem dois cultos por dia, sendo que o segundo é realizado antes de deitar-se; desta maneira expressa-se o sentimento de dependência de Deus e gratidão.

3.7 Quem deve dirigir o culto no lar

O ideal é que o pai como o sacerdote do lar seja o dirigente do culto da família; porém as orações podem ser dirigidas por ele, pela mãe, pelos filhos ou alguma outra pessoa que esteja fazendo parte da família. Existem casos onde o culto familiar foi iniciado pelas crianças. Eles aprendem a orar e louvam a Deus conforme o fazem na Escola Sabatina na igreja.

A senhora Streithorst (1977, p. 33) falando sobre a orientação espiritual da família disse: “Na antiguidade, o esposo e pai era patriarca e sacerdote da família. A mulher tem um intenso espírito religioso, mas espera que seu esposo oriente a vida espiritual da família”.

Naturalmente, há dois elementos que sempre devem ser incluídos no culto da família: a leitura bíblica e a oração. Há família que também acrescentam uma poesia, um cântico ou uma meditação escolhida. Para escolher as passagens da Bíblia que serão lidar cada dia há muitas fontes. As lições da Escola Sabatina têm sugestões para as leituras bíblicas diárias. Estas sugestões aparecem também na

Revista Adventista, *Meditações Matinais* para juvenis e para adultos e outras literaturas e livros do *Espírito de Profecia*. As leituras bíblicas diárias da lição da Escola Sabatina são excelentes para o culto familiar.

É interessante haver música nos cultos do lar. Deve escolher-se um bom hinário, cânticos que sejam de agrado das crianças, tais como: *Cânticos alegres*, *Vamos Cantar*, *Cantai ao Senhor* etc. No Lar onde há crianças pequenas devem contar-se-lhes histórias bíblicas em linguagem simples procurando despertar o interesse das crianças nos temas tratados. Então quando se lê a Escritura, e elas ouvem alguma frase ou nome conhecido, se sentirão contentes de haverem entendido e porque elas têm parte no culto. Num artigo da *Revista Adventista*, Ardyce Swenn (SWENN, 1977, p. 38) conta acerca de um casal cristão, Santiago e Luíza, de quem o programa diário no lar é digno de ser mencionado.

> Acostumado a se levantar cedo, Santiago o faz antes de Luíza, para sua devoção pessoal. Quando Raulzinho desperta, o pai o leva para que escute o cântico das aves matutinas e para colher um punhado de frutas da horta. Enquanto Luíza prepara o desjejum, Santiago dá banho em Raulzinho e lhe troca a roupa. Após o desjejum, os três celebram um rápido culto, adaptado à idade e às necessidades do garoto. Geralmente Santiago está em casa na hora do almoço... À tarde, depois de uma leve jantar, a família se reúne para o culto. Cantam um ou doi hinos, geralmente honos que o menino gosta, e a seguir, Santiago representa com auxílio de Luíza na versão abreviada de uma das parábolas de Cristo.

3.8 Como realizar o culto da família

É de muita importância a maneira como é realizado o culto da família. Convém torná-lo tão aprazível que seja considerado com alegria mesmo pelas crianças menores. Muitas vezes é ele tornado tedioso, monótono e enfadonho. Alguns minutos diários para o culto familiar servirão para fazê-lo, como deve ser o mais agradável e atrativo acontecimento do dia. Ellen G. White (1966, p. 341), escrevendo sobre a hora do culto no lar, afirma:

> Para que se desperte e fortaleça o amor ao estudo da Bíblia, muito depende do uso feito da hora do culto. As horas do culto matutino e vespertino devem ser as mais agradáveis e auxiliadores do dia. Compreenda-se que nestas horas nenhum pensamento perturbador ou mau deve intrometer; que pais e filhos se reúnam a fim de se encontrarem com Jesus, e convidar ao lar a presença dos santos

> anjos. Seja o culto breve e cheio de vida, e adaptado à ocasião, e variado de tempo em tempo. Tomem todos parte da leitura da Bíblia e aprendam e repitam muitas vezes a Lei de Deus. Contribuirá para maior interesse das crianças ser-lhes algumas vezes permitido escolher o trecho a ser lido.

Há três elementos que devem ser lembrados para o desenvolvimento do culto da família: Preparação, Participação e Regularidade.

3.8.1 A preparação

A hora do culto do lar exige verdadeira preparação. Primeiro o pai ou quem for dirigir necessita preparar seu coração. Isto só pode vir pela positiva prática do estudo da Bíblia e a oração. Seria bom que ele se levantasse meia ou uma hora antes que a família, e a sós, no começo do dia, passasse um tempo em oração e estudo da Palavra de Deus.

Além da preparação do coração, os pais precisam da preparação em psicologia infantil. Um elemento essencial no ensino é o de conhecer as necessidades dos alunos. Quem pode melhor do que um pai ou mãe considerar a natureza e a conduta individual de seus filhos e procurar que eles assimilem os princípios escriturísticos da Palavra de Deus para o cultivo do caráter?

Cera mãe anotava os acontecimentos do dia, e à noite reunia aos seus filhos ao seu redor e lhes lia ou contava histórias bíblicas que se aplicavam a estes acontecimentos. Desta maneira a Palavra de Deus era traduzida à moderna aplicação para suas necessidades.

3.8.2 A participação

Sempre uma palavra chave para que o culto tenha êxito como também para que haja aprendizagem é a participação. A maioria das pessoas dentro de seus próprios círculos querem participar. Isto estimula o interesse, exercita a mente e desperta o coração. Uma menina, depois de haver participado de um culto lendo trechos bíblicos numa manhã, expressou sua alegria numa oração: “E, senhor querido, que se repita esta hora amanhã”. Ela desejava entusiasticamente a repetição do culto da família.

Com que idade pode-se esperar que as crianças tenham esta participação? Pode se dizer que tão logo que elas possam elevar uma oração ou falar um verso das escrituras. A seguir será apresentado um programa de Culto da Família realizado num lar cristão realmente eficaz, pois ilustra algumas dos diferentes métodos desta participação. Este lar realiza o culto familiar duas vezes por dia, o primeiro imediatamente depois do desjejum e o segundo imediatamente depois do jantar. Termina-se o desjejum às oito horas, dedica-se dez minutos geralmente ao culto. Termina-se o jantar às dezenove horas e dedica-se cinco minutos à oração. O culto matutino consta de duas ou mais estrofes de um hino, leitura bíblica e oração feita pelo pai, concluindo com a oração modelo repetida por todos.

À noite, enquanto se está à mesa, ainda sentados, a ordem consiste em cantar uma estrofe de um hino ou um corinho, em seguida cada um repete um verso da sua predileção, logo após talvez outro coro, terminando com uma oração pelo pai ou pela mãe. A participação das crianças na realização do culto do lar é muito benéfica para elas; porque elas têm motivos para aprender. Elas fazem perguntas acerca do significado das passagens lidas no culto matutino, quando se pode dedicar algum tempo para uma breve explicação de algum ponto difícil ou de uma ideia apresentada. Certo educador fez uma interessando consideração:

> Se os filhos forem apresentados a Deus em cultos cheios de entusiasmo cada manhã e cada tarde, se os atos dos pais não contradizem suas palavras, se a igreja vibrar nestas crescentes vidas a mensagem da esperança e amor, não haverá força das trevas que arraste tais jovens para o mundo (MENDES, 1982, p. 37)

3.8.3 A regularidade

O terceiro ponto que se deve ter em conta acerca do culto no lar é sua regularidade. Já se falou acerca das suas variações para evitar que este culto chegue a ser formal e superficial. O pai vigilante sempre tratará e mante alerta o vivo sentido de interesse e expectativa. Porém só por constante regularidade pode o lar moderno esperar reter esta instituição vital. Como já se mencionou deve ser um acontecimento diário, vier acontecer o que acontecer e não se omite pele urgência de outras atividades do momento.

3.8.4 A oração na hora das refeições

Este costume de orar à hora das refeições parece ter sido o espontâneo deleite do Salvador. A Bíblia dá pelo menos quatro ocasiões diferentes quando Ele dirigiu tal oração: Ao dar de comer aos quatro mil; “E ordenou à multidão que se assentasse no chão e, tomando os sete pães, e tendo dado graças, partiu-os e deu-os aos discípulos, para que os pudessem diante deles, e puseram-nos diante da multidão” (Mar. 8:6). Ao dar de comer aos cinco mil: “E, tendo mandado que a multidão assentasse sobre a erva, tomou aos céus, os abençoou, e , partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos à multidão” (Mat. 14:19). Na última ceia no cenáculo, onde, tendo dado graças, partiu o pão: “E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lhes, dizendo: Isto é meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim” (Luc. 22:19). E mais tarde, sentado com os dois discípulos em Emaús: “E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lhe deu” (Luc. 24:30). Estes casos fazem crer que foi Sua prática regular e estabelecida como tal na vida de seus discípulos.

Uma oração de gratidão à mesa deveria possuir verdadeiro poder do coração. Esta breve oração a Deus apresentada ao lar cristão um verdadeiro estímulo para renovada comunhão com Deus durante o dia. Aqui outra vez podemos recordar três palavras úteis: Preparação, Participação e Regularidade.

3.8.5 A preparação

A preparação para esta oração à mesa é uma preparação de pausa e aproximação. Deve ser uma atitude reverente, mesmo as crianças menores que podem se assentar para a refeição com a família, podem aprender a imitar uma atitude de reverência. Aprendem a inclinar a cabeça e a fechar os olhos tanto pelo exemplo como pela sugestão. A verdadeira reverência na oração vem por meio do coração piedoso. E esta pequena oração à mesa contribui grandemente para este fim.

3.8.6 A participação

É bom que se dê oportunidade a todos para participar um de cada vez na oração. É um privilégio ser designado para dirigir a oração à mesa. Quando os filhos são solicitados a proferirem a oração sentem prazer em fazê-lo e isso os ajudará a desenvolverem a dependência para com o Criador e Mantenedor do universo. Além disso será desenvolvido um companheirismo humano na hora da refeição e um ambiente agradável entre os que participam à mesa.

3.8.7 A regularidade

Na regularidade da oração na hora da refeição deve-se ter certo cuidado para que esta oração não chegue a ser ritualista e sim senti-la no coração. A Devoção Pessoal. O culto no lar que contribui para a vida espiritual da família, e em especial dos filhos, inclui muito mais que a reunião do grupo da família toda. Às crianças se lhes deve ensinar o costume e valor de suas próprias devoções pessoais.

3.8.8 Ensinar à criança a devoção pessoal

Começando com a criança mais nova, o culto individual pode ter início tão logo ela possa compreender e repetir os pensamentos mais simples que a mãe lhe possa apresentar. É natural que uma criança aprenda a orar. Uma das provas de normalidade numa criança é sua capacidade de adotar uma atitude de reverência no momento de oração.

Um plano excelente é o da oração imitativa durante os primeiros anos da infância. Tal ação imitativa é o meio mais eficaz de ensinar uma criança a orar. Os pais pronunciam reverentemente em voz alta uma oração curta e singela saída do coração, escolhendo palavras que possam ser entendidas pela criança. Depois se permitem que a criança faça a sua própria oração, as primeiras vezes talvez usando as mesmas palavras do pai, mas gradualmente começando a expressar pensamentos independentes. Nunca falta tema para oração.

Todas as experiências e preocupações da vida podem incluir-se numa prece a Deus. “Quer comais, ou bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei-o para honra e glória de Deus” (1Co 10:31). Todavia não se deve levar a criança a dizer coisas

que estejam fora da sua compreensão e experiência. Pode-se variar deixando que a criança ore primeiro e depois o pai. Ensina-se a criança a escutar enquanto ora o pai ou mãe, e sabe que suas orações serão unidas às que fazem seus pais em suas mentes; porque eles estão escutando ao seu lado reverentemente. Este companheirismo na oração, seja de manhã ou à noite, é um dos meios de mais valor na instrução e desenvolvimento que pode ter a criança. Sérgio Collins, no seu livro a *Família Moderna e a Solução dos seus Problemas*, afirma:

> A idade pré-escolar pode considerar-se como a mais importante do ser humano, A criança está o dia inteiro em casa, sob influência dos pais, da mãe em particular. Estes contam com inúmeras ocasiões para incutir-lhes os princípios de conduta que lhe hão de reger a vida. Nesta idade, é receptiva a mente de criança, e as lições ensinadas com amor gravam-se profundamente. Há muitos casos de adultos que, em face da uma crise de sua vida, salvaram-se e decidiram seguir o caminho do bem em virtude de recordar valiosas lições aprendidas aos pés de sua mãe nos tenros anos da primeira infância (COLLINS, 1968, p. 107).

3.8.9 Resolvendo dificuldades

Não se deve obrigas a criança a orar. Às vezes, ela está cansada e o pequeno cérebro não pode funcionar bem. Então a mãe deve orar por ambas. Não se deve castigar a criança por não entrar imediatamente no espírito de reverência quando os pais se preparam para orar. Procure-se falar-lhe por alguns momentos acerca da natureza: O céu, a lua, o sol, as estrelas e as flores e acerca dAquele que criou todas essas coisas. E logo após convide-se a criança a orar e dar graças a Deus pelas maravilhas da criação.

À medida que a criança cresce, suas orações vêm a ser um assunto mais íntimo entre si e Deus e os pais não se intrometerão nos momentos de meditações do filho. Por sugestão ou, por exemplo, todavia, o hábito é mantido vivo e um compartilhar mútuo pode haver acerca das orações respondidas. O *Espírito de Profecia*, falando sore os benefícios da oração a sós, diz:

> Era nas horas de oração solitária que Jesus, em Sua vida terrestre, recebia sabedoria e poder. Sigam os jovens o Seu exemplo, procurando, na aurora e ao crepúsculo, uns momentos tranquilos para comunhão com seu Pai celestial. E durante o dia todo levantem eles o coração a Deus. A cada passa em nosso caminho, diz ele:

> “Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela mão direita, ... não temas, que Eu te ajudo” (Isa. 41:13). Aprendessem nossos filhos estas lições na manhã de seus anos, e que frescura e poder, que alegria e doçura lhes penetrariam a vida! (WHITE, 1962a, p. 525).

3.9 O estudo da Bíblia no lar

A tarefa dos pais cristãos nesta época é fazer das crianças nos lares adventistas os homens e mulheres que sustentem as verdade eternas. Os pais devotos desejam ser possuídos de realidade permanentes com as quais possam carregar e fortificar seus filhos para os anos vindouros. Desejam dar respostas às suas perguntas de hoje.

Porém, onde se acharão tais verdades? Para obter os ensinos que suportem a prova do tempo, será melhor que sejam procurados em fontes que são transcendentes ao tempo e que elevam as sensações de uma vasta eternidade. Os pais cristãos não têm que ir longe em busca destas. Já está dentro da fácil possessão de todos eles um livro guia vindo da mão de Deus. Na Bíblia há um tesouro de verdades que é digno de confiança, inesgotável e imutável. Para respostas às perguntas dos filhos esta é a única fonte indispensável de sabedoria e autoridade.

Deus orienta aos pais: “Estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te” (Dt 6:6-7). Na Palavra de Deus não há registrada uma passagem mais clara do que esta com respeito à responsabilidade dos pais em orientar seus filhos. A declaração está diretamente expressa na primeira pessoa e Deus mesmo o diz. Seu sentido não é vago nem geral, mas definido e detalhado. O dever que aqui se põe sobre os pais é indelével. Ensinar acerca de Deus e Sua Palavra é um dever exigido pelo próprio Senhor.

3.10 Como ensinar a Bíblia aos filhos

Há três elementos essenciais no ensino da Bíblia no lar:

3.10.1 Com o coração

Como podem os pais ensinar a Palavra de Deus, quando eles mesmos não a aprenderam completamente? Possivelmente nenhuma pessoa tem sentido que conhece perfeitamente a Palavra de Deus. Não obstante, deve-se olhar cuidadosamente a ênfase dada aos pais na passagem que se terminou de citar. “Estas palavras estarão sobre o teu coração” (Dt 6:6). Quando a Palavra de Deus está no coração isto se revela no entendimento. Estas palavras vivificantes escritas no coração florescem de novo na memória, na fala e não ação. É muito mais fácil repetir estes ensinos da Bíblia quando eles se acham firmemente fixados com afeto no coração. “Bem-aventurados os que guardam os Seus testemunhos, e o buscam de todo coração” (Sl 119:2). “Escondi a Tua palavra no meu coração, para não pecar contra Ti” (Sl 119:11).

Os pais portando, podem começar a usar qualquer verdade bíblica que está em seu coração, enquanto busquem diligentemente um domínio mais claro e amis amplo de maiores verdade. A senhora White (WHITE, 1983, p. 124-5), orientando sobre o ensino da Bíblia às crianças, escreveu:

> Ao ensinar a Bíblia às crianças, podemos conseguir muito observando a propensão de seu espírito, as coisas por que se interessam, e despertando seu interesse passa verem o que diz a Bíblia a respeito dessas coisas. Aquele que nos criou com nossas várias aptidões, deu em Sua Palavra alguma coisa a cada um. A Bíblia tem uma inesgotável plenitude, força e profundidade de sentido. Acoroçoai as crianças e os jovens a descobrirem seus tesouros, tanto de pensamentos como de expressões.

3.10.2 Com um plano de estudo bíblico pessoal

Deve-se destinar um tempo definido cada dia para o estudo da palavra de Deus. Nunca se está demasiado maduro para começar com oração o estudo, para conseguir um conhecimento prático da Bíblia. Isto poderá exigir que se reorganize o horário diário e que se rejeite algum precioso tempo de dormir, porém isso recompensará como não o faz qualquer outro tempo investido nas atividades diárias.

Embora a leitura da Bíblia seja o elemento essencial no verdadeiro estudo bíblico, todavia, a simples leitura da Bíblia não é suficiente.

Do Espírito de Profecia extraiu-se o seguinte: “Não nos devemos procurar satisfazer com um conhecimento superficial, antes devemos procurar aprender a verdadeira significação das palavras da verdade” (1962a, 512). Lê-se a Bíblia geralmente por seu valor devocional. Porém comparar seus ensinos, averiguar suas verdade ou concentrar seus princípios requer um estudo mais profundo. Para tal estudo escolha-se um plano que se possa seguir sob direção própria ou com ajuda de outros. Talvez para o momento se possa fazer pouco mais que adotar os temas da Lição da Escola Sabatina ou alguma outra série de estudo. A respeito do estudo desses, a senhora Ellen G. White (1983, p. 122-3) aconselha:

> Pais, separai um bocado de tempo cada dia para o estudo da Lição da Escola Sabatina juntamente com vossos filhos. Deixai a visita de sociabilidade, se necessário for, de preferência a sacrificar a hora dedicada às lições de Histórias Sagradas. Tanto pois como filhos receberão benefícios deste estudo. Confiem-se à memória as passagens mais importantes da Escritura ligadas à lição, e isto não como uma tarefa, mas como um privilégio. Embora a princípio seja deficiente, ganhará força pelo exercício, de modo que depois de algum tempo vos deleitareis em assim armazenar as palavras da verdade.

Quando for possível os pais devem possuir um Bíblia com concordância e referências à margem e mapas. É um tesouro valioso; pois facilita achar passagens bíblicas. Muitos pais querem ter um curso mais profundo ou estudos mais acurados nos quais poderão avançar ao seu gosto. Existem bons livros para o estudo da Bíblia no lar, tais como: Estudos Bíblicos do Lar, Parábolas de Jesus, Atos dos Apóstolos, Patriarcas e Profetas, História da Redenção, Princípios de Vida e outros.

Os pais colocados como estão no mundo de hoje, afrontando o insondável futuro próximo, e possuindo um livro de fui como seus eternais ensinos cuidadosamente apresentados, ainda têm o problemas de fazer com que estes ensinos sejam entendidos e aceitos pelos seus filhos que vão crescendo.

3.10.3 Com o exemplo

Primeiro, está a inevitável influência do exemplo. Nenhum ensino por mais forte que seja, de maneira falada, pode alcançar a força do poder do exemplo. O adágio: “O que és fala tão fortemente que não posso ouvir o que dizes”, é tão

verdadeiro hoje como no dia que foi escrito. Não podemos os pais falar às crianças de um Deus que compreende os motivos e as expressões de seus corações, e logo deixar de compreendê-las eles mesmos. Não podem mencionar aquele espírito agradável e pacífico, o qual é de grande estima diante de Deus, “um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus” (1Pe 3:4), e logo permitir que sua própria irritabilidade contradiga as palavras ante a criança vivaz. Não podem aconselhar à criança que busque a Deus na escuridão e na tormenta, se Deus não é real para eles em ocasiões semelhantes.

A conduta dos pais se fará ver através de suas atitudes e ações muito mais poderosas que por meio de palavras. Depende dos pais e mães, desde o princípio, não só entregar a mensagem de Deus aos filhos, mas também formar suas vidas de tal maneira que estas revelem sua mesma presença. O Espírito de Profecia fez um alerta aos pais: Mesmo quando bem novas, as crianças notam; e se os pais demonstram que a palavra de Deus não é seu guia e conselheiro, se desrespeitam as mensagens que lhes são enviadas, verificar-se-á nos filhos o mesmo espírito negligente (WHITE, 1962a, p. 509).

4 O SACERDÓCIO DOS PAIS

Escrevendo aos cristãos em geral o apóstolo Pedro diz o seguinte: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real [...]” (1Pe 2:9). Que com maravilhoso o lar cristão proporciona para o exercício deste ministério! Pais, sacerdotes do Senhor! Chamado e ordenados por Deus para serem sacerdotes em favor dos filhos.

Apresentando Deus aos Filhos

O sacerdócio dos pais tem dois aspectos. Primeiro, eles são chamados a apresentar Deus aos filhos. Fazem isto através do exemplo, do ensino, e da realização do culto doméstico em várias formas. Em segundo lugar, os pais são chamados a apresentar os filhos a Deus. Isto eles realizam, principalmente através do ministério da oração.

No livro de Deuteronômio encontra-se uma passagem que oferece uma boa orientação para o pai ou a mãe sacerdote em relação aos filhos. Ele esboça três pontos básicos para sua tarefa de apresentar Deus aos filhos “Tão somente guarda-te a ti mesmo, e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida; e as farás saber a teus filhos, e aos filhos dos teus filhos” (Dt 4:9). “E ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te” (Dt 11:19).

Estas conhecidas passagens das Escrituras introduzem uma série de instruções para os pais. Note-se que elas se iniciam descrevendo a atitude que os pais devem ter para com Deus. O Senhor sabia que, faltando o amor genuíno para com Deus por parte dos pais, sua instrução aos filhos seria vazia e sem valor. O ponto de partida e a base do sacerdócio dos pais são o amor e devoção a Deus: Amarás pois o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todo o teu poder” (Dt 6:5).

Se os pais não tiverem um relacionamento vivo com o Senhor, não podem querer ensiná-los aos filhos. Será que o relacionamento dos pais com Deus é regido por regulamentos áridos? Ou apenas por um moralismo severo e nada mais? As crianças são bem mais sensíveis nas coisas espirituais do que os adultos pensam. Elas repelem instintivamente as palavras e crenças formais dos pais. Elas percebem o caráter íntimo da fé, e é isto que reagem. Em muitos casos, os jovens que se rebelam contra a fé cristã, não estão absolutamente se insurgindo contra Deus.

Nunca O conheceram realmente para poderem se voltar contra Ele. Eles se opõem ao formalismo religioso morto que lhes impõe uma série de regulamentos e rituais. Larry Christenson (1975b, p. 155), no seu livro *A Família do Cristão*, faz uma interessante declaração.

> Os pais que geralmente desejam que seus filhos conheçam a Deus devem cultivar seu próprio relacionamento com o Senhor. Em primeiro lugar, e sobretudo, isto implica em uma vida de oração. Nem toda instrução do mundo, nenhuma disciplina firme, nenhuma boa instrução religiosa, nem as frequências aos cultos podem compensar a falta de oração na vida dos pais. Pois é principalmente para a da realidade prática.

Feliz é o filho que, vez por outro, encontra o pai ou a mãe de joelhos, ou vê levantar-se cedo, ou dirigirem-se a um lugar à parte em busca da comunhão do Senhor. Este filho aprende uma lição que nenhuma palavra de orientação poderia lhe inculcar. Ele compreende que Deus é realmente importante para os pais já que eles lhe dão de seu tempo e se relacionam com Ele pessoalmente.

4.1 Apresentando Deus aos filhos através da Bíblia

A orientação que Deus dá aos pais, conforme já foi mencionado (Dt 6:6-7), se refere a uma instrução dos pais aos filhos no sentido de tornar conhecido Deus aos filhos.

A educação religiosa que Deus aqui ordena se dê aos filhos, não é nenhum brinquedo. É um ensino diligente. Inculcar aqui quer dizer tornar penetrante. Não se trata, contudo, de um espírito de feitor, severo e ofensivo, mas de um trabalho calma de ir adicionando a Palavra de Deus à vida da família. “Assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te” (Dt 6:7). A Palavra de Deus se torna o ponto de referência para qualquer situação que surja no lar. Através da Palavra, Jesus fez morada no seio da família.

O lar cristão precisa estar cheio da presença de Jesus, para que os filhos O encontrem em cada passo, e venham conhecê-Lo e amá-Lo da maneira tão natural e espontânea como conhecem e amam aos pais. Num cenário desta natureza, Jesus conquistará toda a lealdade deles, e tomará conta da sua imaginação. E isto será o único antídoto capaz de vencer os poderes das trevas e da corrupção que se

acham à solta no mundo de hoje. O mesmo autor já citado, Christenson (1975a, p. 161), afirma:

> Já se foi o tempo que os pais podiam das aos filhos apenas uma agradável camada superficial de religião. Nossos filhos ou vão se identificar plenamente com Jesus e se entusiasmas com Ele, ou vão se entregar ao pecado, e achá-lo empolgante. Tudo o que o pai der ao filho, de nenhum valor será se não lhe der a Jesus.

4.2 Apresentando Deus aos filhos através do culto

Um dos elementos essenciais do relacionamento da família com Jesus é a dedicação de algum tempo para o culto de louvor a Ele. Em muitos momentos da vida em família fala-se de Jesus; neste, porém, fala-se com Ele. O sentimento da presença de Cristo na família atinge o seu clima no momento em que esta se reúne para adorá-lo. O culto é a comunhão com Deus por excelência.

Não há um modelo fixo de culto para todas as famílias. O modo de cultuar deverá varias de acordo com a idade das crianças, com uma cultura; o essencial, porém, é que seja um encontro vivo com Deus do qual devem participar todos os membros da família. As ideias que serão apresentadas a seguir são apenas sugestões. Quando a família encontra seu próprio método de culto, o Espírito Santo acrescenta uma forma de variação criativa.

4.2.1 Cânticos e hinos

Um modesto investimento em hinários, um para cada pessoa da família, renderá altos dividendos. Pode-se escolher um hino no início da semana, para cantar todos os dias daquela semana, no inicio do culto doméstico. Cada semana um dos membros da família escolhe este hino. As crianças gostam de pedir os seus cânticos prediletos. Os pais podem escolher um hino desconhecido, de vez em quando. Deste modo, a família vai depositando no coração de cada um de seus membros um imenso tesouro de música evangélica.

Se na família há alguém com talento musical, pode-se utilizar um acompanhamento instrumental. Não é por acidente que o hinário da Bíblia, o livro de

Salmos, contém várias vezes exortação: “Cantai ao Senhor; cantai ao Senhor um cântico novo” (Sl 96:1).

4.2.2 Invocação

Esta parte é muitas vezes ignorada no culto doméstico. Todavia ela dá uma notável realidade que revestirá as partes restantes de maior significado. Invocar significa pedir ao Espírito Santo para que se faça presente na hora do culto. Isto também pode ser feito por um membro da família de cada vez.

4.2.3 Memorização de versos bíblicos

Muitos programas de estudos bíblicos dão ênfase à memorização de versos das Escrituras. O Salmista diz “Guardo no coração as tuas palavras para não pecar contra Ti” (Sl 119:11).

O valor da memorização de versos bíblicos é incalculável. A palavra decorada tem uma força imensa e um poder de permanência que dura toda a vida. O culto doméstico é um ótimo momento para memorização das Escritura. O segredo da memorização é a repetição. A maioria das crianças tem muita facilidade de aprender por repetição. A família pode decorar uma pequena porção das Escrituras por semana. Em poucos anos todos terão depositado no coração um rico tesouro de trechos da palavra de Deus.

Depois que a família adquire o hábito de memorizas a Bíblia, todos poderão querer avançar um pouco mais, e decorar capítulos inteiros. De vez em quando, é bom pedir às crianças que expliquem os versos em suas próprias palavras, para evitar que o processo se torne demasiadamente mecânico.

4.2.4 Leitura e meditação

A leitura meditativa é outro elemento essencial que não pode faltar no culto da família. Através da leitura, pode-se trazer ao lar a experiência dos santos e a história do povo Deus através dos tempos. A sua experiência dá testemunho de comunhão espiritual com Deus e inspira o leitor a viver uma vida dedicada e consagrada ao

Criador. Também podem ser lidos livros que contenham biografias de homens de Deus que foram missionários em terras estrangeiras.

À medida que as crianças crescem, pode-se ler diretamente a Bíblia. Não fazendo isso de uma maneira apresentada, mas vagarosamente, apenas alguns versos por dia; pois eles podem dizer muito em poucas palavras, e isto exige meditação. Cada um lê um verso, e assim todos participam. Após a leitura de cada verso, a pessoa que se assenta ao lado da que leu, explica o texto com suas próprias palavras. Deste modo até mesmo as crianças menores aprendem a mensagem. White (1962a, p. 505) escreveu:

> A palavra de Deus é farta em preciosas joias da verdade, os pais devem tirá-las de seu escrínio e apresentá-las aos filhos em seu verdadeiro brilho... Tendes na palavra de Deus uma casa do tesouro da qual podeis tirar preciosas provisões, e como cristãos deveis abastecer-vos para toda boa obra.

4.2.5 Os momentos da oração

Através da oração os pais apresentam os filhos a Deus. Mas quando os pais ensinam os filhos a orar, também estão criando um meio pelo qual apresentam Deus a eles. Pela oração, eles passam a conhecê-Lo como um Deus que ouve, fala e age. O Espírito de Profecia orienta os pais a ensinar seus filhos a orar: “Por vosso próprio exemplo, ensinai vossos filhos a orar com voz clara e distinta. Ensinai-lhes a levantas a cabeça de cadeira e a nunca cobrir o rosto com as mãos. Assim poderão fazer suas simples orações, repetindo em conjunto a oração do Senhor” (WHITE, 1962a, p. 522-3).

Como podem os pais ensinar os filhos a orar de verdade? Existe alguma fórmula secreta que revelará a eles a realidade da oração, para que esta não se torne uma rotina enfadonha? Sim, há. O segredo é a oração particular dos pais, que sustenta a vida devocional da família. Somente isto dará vida a realidade da família.

> Semelhantes aos patriarcas da antiguidade, os que professam amor a Deus deveriam erigir um altas ao Senhor onde quer que armem sua tenda... Pais e mães deveriam muitas vezes erguer seus corações a Deus em humilde súplica por si e por seus filhos. Que o pai, como sacerdote da casa, deponha sobre o altar de Deus o sacrifico da manhã e da tarde, enquanto a esposa e filhos se unem

> em oração e louvor. Em uma casa tal, Jesus gostará de demorar (WHITE, 1982, v. 3, p. 91).

É bom introduzir certa variação na oração da família. Pode-se por exemplo, ter um pedido especial para cada dia da semana. A seguir sugere-se um programa semana de oração.

4.2.5.1 Domingo: a oração da fé

Cada pessoa escolhe um motivo de oração, com o alvo de ver seu pedido respondido antes da semana se encerrar. É importante fazer-se ditinção entre os diversos tipos de oração; pois cada um deles tem seu objetivo próprio e sua própria maneira de ser. O objetivo da oração da fé é conseguir-se um determinado resultado. É uma oração de importância básica, cujos princípios são observados durante o restante da semana. A oração da Fé tem um objetivo definido, expressa o pedido e dá graças.

4.2.5.2 Segunda-feira: a oração pelos membros da família

Consiste em orar pelos membros da família, próximos e distantes. Cada pessoa escolhe um parente ou membro da família, e ora por um problema específico daquela pessoa.

4.2.5.3 Terça-feira: oração do Pai Nosso

Aqui podem ser introduzidas variações interessante. O pai da família poderá orar o Pai Nosso, parando após cada sentença, e os outros membros da família apresentam pedidos que tiverem relação com a sentença falada.

4.2.5.4 Quarta-feira: Orações pelos Missionários

Cada um escolhe um missionário ou obreiro e ora por ele. Isto ajuda a despertar na família um maior interesse palo Reino de Cristo e a pregação do evangelho em toda a Terra.

4.2.5.5 Quinta-feira: oração de confissão

Cada pessoa confessa um pecado seu que tem perturbado a paz e a harmonia da família. De início será mais difícil para os pais do que para os filhos. As crianças já estão a serem corrigidas, mas os pais não. No entanto, estes também precisam de perdão. É nesse momento que podem todos os membros da família se ocupar de seus ressentimentos e irritações, não com uma atitude de ira, e recriminação, mas à luz do perdão.

4.2.5.6 Sexta-feira: oração pela igreja

Cada pessoa escolhe um aspecto do trabalho da igreja para apresentar a Deus, o coral, a Escola Sabatina, o sermão, a ceia do Senhor, a juventude da igreja, o trabalho missionário, e escola paroquial, qualquer fator que esteja ligado à vida e o culto do corpo de Cristo.

4.2.5.7 Sábado: oração em meio à natureza

Aos Sábados os cultos familiares podem ser realizados em meio à natureza, à tarde, conhecendo alguns lugares pitorescos onde poderá a família relembrar cenas do Jardim do Éden, comemorando a criação e louvando ao Criador pelas maravilhas das obras das Suas mãos.

4.2.5.8 Apresentando os Filhos a Deus

Em suas orações de intercessão, o pai sacerdote apresenta seus filhos a Deus. É muito importante reconhecer a autoridade espiritual de que Deus investe qualquer um que é chamado ao sacerdócio. Suas orações têm poder porque Deus lhe deu certas responsabilidades. A responsabilidade principal pertence ao pai, e, na ausência deste, passa à mãe. Sendo um sacerdote para sua família, o pai tem que se apresentar diante de Deus com reverência, mas confiantemente. O homem que cerca sua família de um círculo de intercessão poderosa, está assentado o bem estar dela sobre uma base firme. Larry Christenson (1975a, p. 161), escrevendo sobre a intercessão dos pais, diz:

> A oração em família não é simplesmente um hábito a ser cultivado, é a condição essencial à qual Deus subordinou a propriedade da família cristã. Sem ela, é impossível para o homem cumprir suas solenes obrigações de marido e pai cristão. Com o apoio da oração no lar, ele será bem sucedido, mas sem ela não.

As orações que os pais ensinam a seus filhos são uma parte essência da vida da família cristã; elas levam a criança a um contato pessoal com Deus, Contudo, não podem tomar o lugar das orações sacerdotais do pai. Suas petições em favor da provisão e proteção dos seus são investidas de uma autoridade toda especial.

As orações decoradas são como água de cisterna, comparadas às que brotam do coração transbordante do pai, e que são como fontes de água viva, e levam perante Deus, o Pai Todo-Poderoso, todas as petições e palavras de louvor da família.

Quando os pais compreendem bem seu papel de sacerdote como é determinado por Deus, as bênçãos que irão transmitir aos filhos abrangerão todas as áreas de suas vidas. Pais, Deus vos chamou para serem sacerdotes para vossos filhos. Através desse sacerdócio, Jesus participará da vida de vossa família e assim, vós e vossa família experimentarão um prelúdio do céu aqui na terra.

4.2.5.9 A religião do lar continua na igreja

“No lar é posto o fundamento da prosperidade da igreja. As influências que regem a vida no lar são levadas para a vida da igreja, portanto os deveres da igreja devem começar no lar” (WHITE, 1962a, p. 318). Quando se estabelece um bom lar religioso haverá boas reuniões religiosas. Sustentando e fortalecendo o lar, o consagrar a família a Deus e levar as crianças à igreja contribuirão grandemente para um maior desenvolvimento espiritual e a formação de caráter dos filhos. Eles devem ser levados a Jesus como Ana levou a Samuel ao Senhor. Ellen G. White (1962a, p. 481-2) dá o seguinte conselho aos pais:

> Digo aos pais e mães: Podeis ser educadores em vossas igrejas do lar; podeis ser agências missionárias espirituais. Sintam os pais e mães a necessidade de ser missionários no lar [...] Considerai a educação do lar uma escola missionária que prepara para a realização dos deveres religiosos. Vossos filhos devem desempenhar uma parte na capacidade da igreja.

4.3 A estima do lar para com a igreja

Os membros de um lar consagrado entendem que a igreja tem um propósito ai reunir-se: o gozo em seu culto, o privilégio da generosidade, que é um serviço sacrifical dado por Deus e inspirado pelo Espírito. Participam de sua organização e de suas atividades com o conhecimento de que é com Cristo que colaboram e que para dEle são os resultados. Isto exige o melhor de cada participante.

Com este conhecimento da relação do lar com a igreja é próprio que se considere algumas linhas definidas do proceder por parte do dito lar que asseguram sua plena cooperação com a igreja. Os pais podem ajudar a formar líderes que possam ajudar na direção da igreja. É uma oportunidade para jovens, filhos cristão consagrados, ocuparem cargos de responsabilidade na igreja, tomando parte ativa, realizando com alegria diferente trabalhos para o Senhor. Acerca disto a senhora Ellen G. White (1966, p. 319) escreveu:

> As crianças e os jovens não devem ser impedidos de ir a Jesus. Satanás procura prender a si as crianças, como com cordas de aço, e vós só alcançareis êxito em levá-las a Jesus mediante resoluto esforço pessoal. As crianças e os jovens devem receber em seu favor trabalho mais fervoroso; pois são as esperanças da igreja.

4.4 A importância da assistência da família à igreja

O lar cristão deveria responsabilizar-se por assistir aos cultos da igreja. Isto frequentemente requer valor, fidelidade, persistência e às vezes um sacrifício verdadeiro, porém vale a pena. O pai que coordena seus negócios para poder manter uma assistência regular à igreja, para si mesmo e para sua família, às vezes tem que fazer frente a algumas perdas financeiras, porém o ganho em valores espirituais contribuíra com um total maior de felicidade genuína no lar.

A mãe que procura levar os seus filhos a assistirem aos cultos não é menos que uma heroína dos dias primitivos fazendo frente aos perigos deste mundo. Porém ela, como uma mulher de visão, está a construir para o futuro. Ela está edificando o caráter e lançando fundamentos para as vidas que, algum dia, serão grandes em Cristo. Sua piedosa fé e devoção serão recompensadas. As crianças não podem amar as atividades da igreja, se não tiverem oportunidade de fazer parte dela, uma

parte tão regular e íntima que as reconhecerão como suas: sua responsabilidade, seu prazer e, num sentido, sua própria façanha.

4.5 Os pais devem ir com as crianças à igreja

Como pode a criança conceber a ideia que se quer que tenha acerca da grandeza e a importância da Obra do Senhor, se os pais não a honrarem com sua própria presença e participação pessoal? A criança que é levada à igreja e não simplesmente mandada, tem maior possibilidade de aprecias permanentemente e uma convicção mais forte do verdadeiro valor do que se lhe está sugerindo que faça. Elizabeth B. Jones (1980, p. 112), escrevendo sobre a influência da igreja nas crianças, diz:

> Desde o começo as crianças necessitam experiências que as ajudem a sentir-se amadas e aceitas pelos membros da igreja. Através da igreja elas virão a entender melhor o amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Desenvolver amizade fervorosa com as pessoas da igreja ajudará as crianças a crescerem em amor para com a igreja.

O berçário, que existe na Escola Sabatina, permite que os pais sejam mais regulares em sua assistência. Já não têm que ficar em casa com as crianças menores. Outros sim existem os departamentos do Rol, Jardim da Infância, Primários e Juvenis, que são de grande valor para as crianças. Poderá significar para elas a oportunidade para manterem contato com outras crianças numa situação organizada. Será uma oportunidade excelente para que aprendam a independência e como se relacionar com outros. Tão logo seja possível, devem os pais deixar os seus filhinhos com os encarregados dos departamentos infantis para que eles se desenvolvam e ao mesmo tempo os pais aproveitem o estudo da lição da Escola Sabatina.

“Mas Jesus, chamando-os para si, disse: Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus” (Lc 18:16). Os pais não devem impedir as crianças de ir a Cristo pela sua negligência de ir aos cultos da igreja.

5 CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, o pesquisador espera ter colocado em foco alguns pontos que são considerados essenciais para orientação de lares cristão que desejam fazer o seu melhor para ajudar seus filhos a viverem uma vida espiritual mais elevada e dedicada ao Criador.

De inicio, apresentou-se o significado da educação integram dando-se ênfase ao desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, mentais e espirituais. A seguir abordou-se o significado da educação religiosa ou espiritual propriamente dita, como um empenho paciente e delicado para desenvolver o senso do sobrenatural, do divino, do transcendente que está presente na vida da criança. É necessário, por parte de quem educa, dar testemunho pessoal de vida cristã coerente em todas as atitudes a circunstâncias e como o ambiente familiar marca a formação da mentalidade evangélica e cristã da criança.

O ponto fundamental que orienta toda a atividade educacional é a fé, comunicada concretamente pela realidade de Deus-Amor. Para responder ao amor de Deus, que se manifesta na natureza, nas circunstâncias de cada dia, a criança é levada a modelar a própria vida com esse amor, de tal forma que ela passa a amar também de maneira livre e espontânea. A criança se acostuma a fazer do amor a medida de tudo. E para dizer a verdade, conclui-se que é a única maneira de encaminhá-la para o bem e para a verdade.

Outrossim, procurou-se apresentar com o resultado desta pesquisa recomendações para realizar um programa de orientação religiosa no lar adventista, concluindo-se como parte básica que a religião no lar é vida, é prática, e o lar adventista é aquele que busca em primeiro lugar a Cristo como guia supremo para todas as atividade no convívio familiar. Por isso, se desenvolve um programa espiritual no lar, instruindo as crianças desde a sua infância no estudo da Bíblia, que é a Palavra de Deus, realizando o culto familiar, como também levando os filhos a participarem das atividades da igreja, ensinando-os a sentirem o prazer de ir à igreja e se tornarem dirigentes, ocupando cargos de responsabilidades, colaborando com a obra de Deus. Para isto se torna necessário que os pais dêem bom exemplo; pois o “testemunho fala mais alto que as palavras”.

Em forma de conclusão, pergunta-se: Qual é o objetivo, o fim último da educação religiosa? Para o autor deste trabalho, consiste em formar um ser humano

que acredita no amor de Deus e que aprendeu a amar. Com este propósito os pais devem desempenhar um verdadeiro sacerdócio no lar, tornando conhecido Deus aos filhos e dedicando os filhos a Deus.

Em suma, a religião genuína realizará uma obra de elevação moral e espiritual na família. Ajudará a cria os filhos disciplinados, obedientes e empreendedores para que cheguem a ser membros úteis e independentes, capazes de pensar e agir por sua conta. Evitará que se transformem em delinquentes e em escravos dos vícios. Esses filhos considerados afetuosos serão uma honra e uma coroa de glória para seus ditosos pais.

REFERÊNCIAS

CHRISTENSON, L. **O lar cristão**. Venda Nova: Editora Betânia, 1975a.

_____. **A família do cristão**. Venda Nova: Editora Betânia, 1975b.

COLLINS, S. **A família moderna e a solução dos seus problemas**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1968.

EPP, T. E. **Filhos precisam de pais**. São Paulo: Editora Fiel, 1977.

GOODMAN, D. **Quem é melhor para seu filho e para você**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Fooner, 1967.

JONES, E. **Let the children come**. Grand Rapids: baker Book House, 1980.

LEAWELL, M. B. **Hacia um hogar cristiano**. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1970.

LEE, J. M. **The religion education we need**. Mishaqaka, Religions Education Press Inc., 1977.

MENDES, E. P. Apascenta os meus cordeiros. **Revista Adventista**, n. 7, p. 37, set. 1982.

PIVETEAN, D. J.; DILLON, J. T. **Resurgence of religions instruction**. Notre Dame: Religions Education Press, 1977.

STREITHORST, O. S. De Filho a Líder de Família. **Revista Adventista**, n. 3, p. 33, mai. 1977.

_____. Ele Supremo em Tudo. **Revista Adventista**, n. 1, p. 14, jan. 1980a.

_____. Mães Dignas de Honra. **Revista Adventista**, n. 11, p. 11, nov. 1983.

_____. Mensagens a Ti que És Mãe. **Revista Adventista**, n. 5, p. 12, mai. 1980b.

SWENN, A. Dedique Tempo aos Filhos. **Revista Adventista**, n. 11, p. 38, nov. 1977.

WHITE, B. **The first three years of the life**. Notre Dame: Prentice-Hall, 1975.

WHITE, E. G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1983.

_____. **Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

_____. **Fundamentos da educação cristã**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1975a.

_____. **Lar sem sombras**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1975b.

_____. **Mensagens aos jovens**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1966.

_____. **Orientação da criança**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1962a.

_____. **O lar adventista**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1962b.

_____. **Testemunhos seletos**. Edição Mundial. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982 3v.

ZANZUCCHI, A. M. **A criança e Deus**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1975.